

3. Abordagem Sistêmico-Funcional da linguagem

3.1 Introdução

O capítulo 3 tem como objetivo apresentar a visão de linguagem com a qual trabalhei para desenvolver este estudo. Sendo assim, nele apresento, de forma breve, alguns conceitos básicos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), uma teoria complexa e abrangente para explicar os fenômenos da linguagem em situações reais de uso.

Em seguida, apresento a *Teoria da Valoração*, a qual estuda a construção de sentimentos na linguagem através do léxico e da gramática (Martin e Rose, 2003, p.58), pois, almejo estudar como, por meio da expressão de emoções, de julgamentos e de avaliações, os sujeitos constroem as *representações do eu* e estabelecem uma *co-presença* em um curso a distância.

3.2. Panorama da Linguística Sistêmico-Funcional

Enquanto que a Gramática tradicional descreve a língua como um conjunto de regras que permitem ou coíbem certas construções ao nível da sentença, a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) busca “explicar o papel central da gramática para a comunicação e sua adaptação para tal propósito” (Grabe, 1991, p.44). Para tanto, Halliday (1994) adota uma visão de linguagem como composta de três estratos: (i) o fonológico, (ii) o lexicogramatical (composto por grupos/sintagmas, palavras e morfemas) e (iii) o discursivo. Cada estrato é descrito em termos de sistemas, que capturam os conjuntos paradigmáticos das escolhas disponíveis na língua, e estruturas, que realizam essas escolhas no eixo sintagmático. Assim, a linguagem é *sistêmica* porque oferece sistemas de escolhas lingüísticas, cada qual significante para realizar o sentido. Como produzir linguagem envolve acessar muitos sistemas diferentes ao mesmo tempo (o grafológico/fonológico, o morfológico, o léxico-gramatical, e o discursivo)

podemos afirmar que a linguagem é, em verdade, polisistêmica (Christie, 1999, p.759). Essas escolhas são sempre determinadas, de modo probabilístico, levando-se em conta sobre o que se fala, de que modo, para quem e com qual intenção (Ventola, 1995, p.6). Deste modo, a linguagem também é *funcional*, pois as diferentes possibilidades gramaticais de realização que geram o texto são relacionadas às funções a serem desempenhadas pelo discurso em dado contexto (Christie, 1999, p.759).

Para entender como essa construção ocorre, a LSF se ocupa das relações (ou *funções*) entre a língua como um todo e as diversas modalidades da interação social, estudando a linguagem em situações reais de uso, tomando, assim, por objeto de análise o *texto* e o *contexto*, sendo *texto* entendido como um comportamento social realizado linguisticamente (Gerot e Wignell, 1994, p.6).

Sobre as funções da linguagem, Halliday (1994, p.106) afirma que esta, além de ser um modo de *ação*, de *dar e demandar bens e serviços*⁹ e *informações*, é, também, um modo de *reflexão*, de impor ordem a um fluxo interminável de eventos variados. Dentro dessa perspectiva, é possível entendermos a linguagem como produzindo significado que é multidimensional e simultâneo, sem que haja primazia de uma dimensão sobre a outra.

Em um nível, a linguagem exprime conteúdos conceituais que habitam nosso mundo interior e também representa as atividades que se passam no mundo externo. Assim, significando como *representação*, a oração desempenha a *Metafunção Ideacional* para engendrar a realidade das experiências humanas, servindo-se, para tanto, do sistema da TRANSITIVIDADE. Este expressa o sentido representacional principalmente por meio dos *Processos* (sintagmas verbais), dos *Participantes* (sintagmas nominais) e das *Circunstâncias* (sintagmas adverbiais e sintagmas preposicionais), categorias semânticas que explicam como os fenômenos do mundo são representados no que concernem as estruturas lingüísticas.

Em outro nível, a linguagem também tem como função estabelecer e manter relações entre os participantes do discurso, influenciar ou desencadear comportamentos, expressar nosso próprio ponto de vista sobre as coisas do mundo e obter o posicionamento do outro ante o que dizemos (Thompson, 1996, p. 28).

⁹ Tipo de troca em que o que é dado ou demandado, por meio da língua, é um objeto ou uma ação.

Nesse sistema de *dar* (e *convidar a receber*) e *demandar* (e *convidar a dar*) informações (*proposições*) e *bens e serviços* (*propostas*), temos a *oração como troca* - uma transação entre os interlocutores, em que, do ponto de vista léxico-gramatical, o *Sujeito*, aquele que o falante torna responsável pela validade do enunciado, é a garantia dessa troca. Halliday (1994) chama a essa de *Metafunção Interpessoal*, cujo foco recai sobre o sistema de MODO, que envolve, por exemplo, a escolha entre o declarativo, o interrogativo e o imperativo, e as relações entre sujeito e finito¹⁰ na oração.

Ainda em outro nível, a linguagem tem mecanismos que possibilitam organizar o discurso como um encadeamento de relações entre as suas diversas partes e entre outros discursos relevantes, tanto do ponto de vista de seu contexto de enunciação como de seu co-texto. Para Halliday, essa função é realizada pela estrutura TEMÁTICA, por meio dos sistemas de *Tema* (ponto de partida da mensagem, elemento que o falante seleciona para ancorar seu enunciado) e *Rema* (elemento novo na mensagem) e pela coesão, o que nos traz uma noção de *oração como mensagem*. A essa função, dá-se o nome de *Metafunção Textual*.

A LSF examina esses sistemas de modo a dar conta dos fenômenos que ocorrem em quatro níveis: (i) *abaixo da oração*, nos grupos verbais, nominais, adverbiais, conjuncionais e preposicionais; (ii) *acima da oração*, por meio das relações de interdependência entre orações; (iii) *ao redor da oração*, ou seja, por meio dos elementos de coesão gramatical e coesão lexical e (iv) *para além da oração*, pelos modos metafóricos de expressão.

Assim, a lexicogramática enfoca os constituintes, ou seja, os recursos para incorporar sentidos textuais, interpessoais e ideacionais como orações e unidades menores (grupos/sintagmas, palavras e morfemas), com léxico integrado por uma perspectiva mais delicada da gramática, enquanto que a semântica do discurso enfoca os recursos para integrar orações com outras orações para formar texto coesivo (Martin, 1997, p.5). São, portanto, sistemas de dependência que geram estruturas nas quais as unidades do mesmo tipo são relacionadas entre si. Cada unidade de sentido é interpretada em um texto através da unidade antecedente do

¹⁰ Função ao nível oracional. Interage com o *Sujeito* no modo oracional e precede o *Predicado* (verbo principal) em uma oração declarativa não marcada. Pode vir fundido com o verbo, como no caso da desinência modo-temporal, ou na forma de verbo auxiliar, de ligação ou modal. (Bloor e Bloor, 1995, p.257).

mesmo tipo, por meio dos sistemas de coesão lexical, de referência, de estrutura conversacional e das conjunções (Ventola, 1995, p.19).

Com essa breve descrição, temos um panorama da forma pela qual a LSF entende a linguagem e por quais parâmetros ela busca estudá-la.

Tomando por base o objetivo central desta tese, que é investigar a *presença social* em um curso *on-line*, a *Metafunção Interpessoal* serve como ponto de partida para entender a natureza das ações sociais realizadas por meio dos atos de *dar* (*convidar a receber*) e *demandar* (*convidar a dar*). Contudo, como diz Martin (2000, p.143-44), as incursões na semântica do discurso interpessoal geralmente se baseiam nas evidências gramaticais tais como o MODO oracional (declarativo, imperativo, interrogativo) e a MODALIDADE, ou seja, “os elementos pelos quais são expressos os julgamentos dos falantes quanto às probabilidades ou obrigações envolvidas na proposição” (Halliday, 1994, p. 75). Assim, por verificar que uma análise pautada nesses elementos é insuficiente para elucidar as questões propostas nesta tese, adoto a *Teoria da Valoração*, que, segundo Hyland (2005, p.174), parece ser a mais sistemática para entender o modo pelo qual os recursos linguísticos criam relações sociais, culturais e institucionais na medida em que os autores comentam as suas proposições e moldam os seus textos de acordo com as expectativas de seus leitores.

3.3.

Teoria da Valoração

A *Teoria da Valoração* tem suas raízes na LSF, mais especificamente nos estudos sobre os significados *Atitudinais* e a *modalidade* na *Metafunção Interpessoal* (Sartin, 2006), e se desenvolveu a partir de trabalhos no campo da Linguística Educacional e de programas australianos de letramento baseado em gêneros textuais (White, 2004, p.178), desenvolvidos pelo professor James Martin e seus colaboradores nos anos 90.

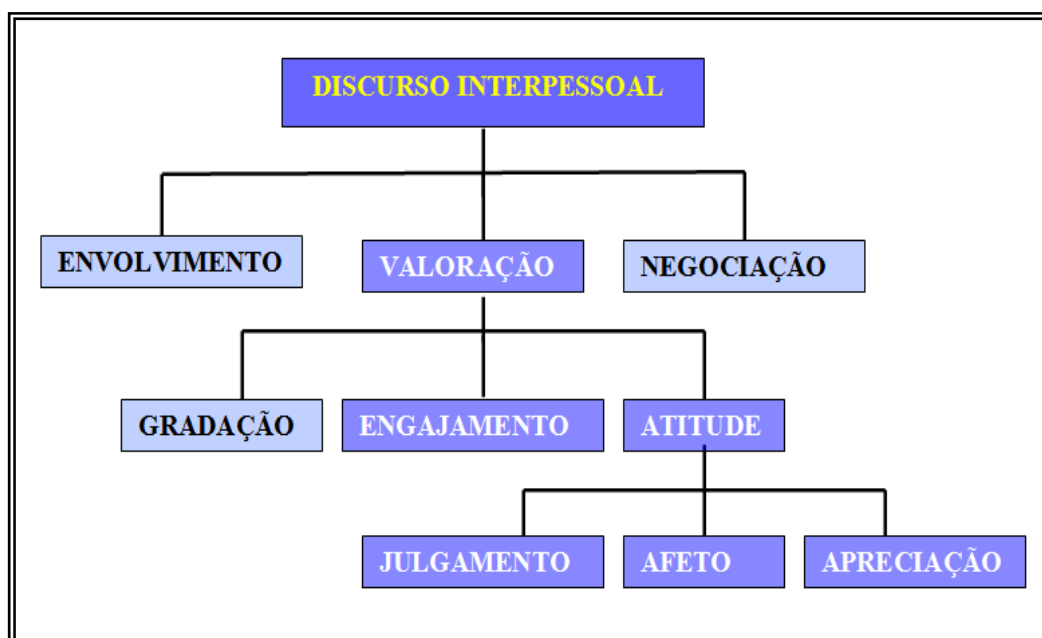
Valoração ou *Avaliatividade* é um termo guarda-chuva para designar uma abordagem específica que, segundo Martin e White (2005, p.33), explora, descreve e explica a forma pela qual a língua é utilizada para avaliar positiva ou negativamente pessoas, lugares, coisas, acontecimentos e estados (*posicionamento atitudinal*); adotar uma postura e construir *personas* textuais por meio de citações

ou referências ao que foi dito por outrem (*posicionamento intertextual*) e lidar com a interação e negociação nas relações interpessoais (*dar e receber, ação e reação*) no evento comunicativo (*posicionamento dialógico*).

Deste modo, segundo Martin e White (2005, p.33) podemos localizar *Valoração* como um sistema interpessoal ao nível da semântica do discurso, sendo que este co-articula seu significado com dois outros sistemas – *Negociação* e *Envolvimento*. Para os autores, *Negociação* complementa *Valoração* focalizando nos aspectos interativos do discurso, na função da fala e no intercâmbio de estruturas. Ao nível da lexicogramática, esse sistema é realizado pelo *Modo* na troca de *bens e serviços* e de *informações* (Martin, 1997). Por sua vez, *Envolvimento* enfoca nos recursos não graduáveis para negociar as relações, em especial a solidariedade. No nível da lexicogramática, esse *Sistema* é realizado pelo léxico técnico/especializado, pelos nomes próprios, pelas gírias e palavras consideradas “tabu”, e pela metáfora gramatical (Martin e Rose, 2005, p.35).

De modo esquemático, podemos representar o *Discurso Interpessoal* da seguinte forma:

Ilustração 3.1- *Discurso Interpessoal* com base em Martin e White (2005)



Para Martin (2000, p. 146), *Valoração*, *Negociação* e *Envolvimento* são os três sistemas maiores que compõe o discurso interpessoal. Por sua vez, *Valoração*, enquanto sistema, também engloba três domínios que interagem: *Atitude*, que diz respeito aos sentimentos e reações emocionais, julgamentos de comportamento e avaliação das coisas, *Engajamento*, que é o sistema de opções para indicar o grau de comprometimento do falante com relação à *Valoração* expressa, e *Gradação*, que indica a intensidade e o foco do *Afeto* e do *Engajamento* (Martin e White, 2005, p.35; Martin, 2000, p.146). Dentre estes Sistemas, a categoria principal, segundo Hunston e Thompson (2000, p.142) é *Atitude*, que também pode ser subdividida em outras três regiões de sentimento. São elas: *Afeto*, *Julgamento* e *Apreciação*, responsáveis pela instanciamento do *posicionamento atitudinal*. Este é ativado no texto por qualquer enunciado que expresse uma avaliação, positiva ou negativa, ou que possa ser interpretado como convidando o interlocutor a prover suas próprias avaliações. Em termos linguísticos, isso envolve o uso de palavras, sintagmas ou múltiplos elementos que interagem no enunciado.

Segundo White (2004, p.180), essa ativação pode ocorrer por meio de termos atitudinais explícitos, ou seja, por elementos que geralmente carregam um sentido que é ou positivo ou negativo, ou por termos atitudinais implícitos. Neste caso, as ativações dependem de implicações e inferências, nas quais se espera que o interlocutor interprete o que é dito como certo ou errado, estranho ou normal, atraente ou repulsivo, confortante ou inquietante, etc. de acordo com o sistema de crenças que ele traz para o texto.

Para desenvolver o modelo teórico-metodológico que apresento nesta tese, recorri aos sistemas *Valoração* e *Engajamento*, os quais serão detalhados na sequência e ilustrados com exemplos retirados dos meu *corpus*.

3.3.1.

ATITUDE: Afeto

Em linhas gerais, *Afeto* é um recurso semântico que trata da construção das emoções, sendo ele o subsistema principal (Martin, 2000, p. 148). Este envolve significados que são tipicamente construídos através dos seguintes elementos (White, 2004, p.182):

- (i) *Processos Mentais*, os quais representam os estados da mente e os eventos psicológicos (*ver, sentir, pensar*);

- (ii) *Processos Comportamentais* (comportamentos fisiológicos e psicológicos localizados entre o mundo do *fazer* e o do *sentir*);
- (iii) *Processos Relacionais Atributivos*, os quais estabelecem atributo e relações simbólicas entre os *Participantes*;
- (iv) *Circunstâncias de modo*;
- (v) *Epítetos* que expressam emoções; e
- (vi) *Nominalizações*.

No quadro teórico apresentado por Halliday (1994), segundo aponta Martin (2000, p.148) e Martin e Rose (2003, p.58), *Afeto* engloba modificação. Portanto, temos as seguintes categorias, as quais exemplifico com segmentos retirados de meu *corpus*:

***Afeto* como qualidade:**

- (a) para descrever o *Participante*, como no *Epíteto* “maravilhoso” em “(...) *um garoto maravilhoso* (...)”;
- (b) atribuída a este, como no *Atributo* “lindo” em “(...) *um neto que é lindo.*”;
- (c) no modo do *Processo*, como na *Circunstância* “totalmente” em “(...) *compartilho totalmente das críticas.*”.

***Afeto* como Processo:**

- (a) *Afetivo Mental*, como em “O exercício *me agradou muito.*”; ou
- (b) *Afetivo Comportamental*, como em “(...) *me acabei de rir.*”.

***Afeto* como comentário desiderativo**

Como no *Adjunto modal de comentário* “infelizmente” no seguinte segmento: “*Infelizmente demorei a responder aqui no fórum: fechamento de bimestre, mudança de apartamento, enfim: uma confusão só!*”.

A partir dessa visão, Martin (1997, p.20-22; 2000, p.148-155) sugere uma classificação para *Afeto* levando em conta seis variáveis.

A primeira variável tem a ver com compreensão do sentimento como agradável (*Afeto positivo*) ou desagradável, que deve ser evitado (*Afeto negativo*) em uma dada cultura, como nestes exemplos, retirados do *corpus* desta tese:

Primeira Categoria: O *Afeto* é agradável ou desagradável?

Afeto positivo: “Estou motivado com o curso.”

Afeto negativo: “Estou ansioso com o curso.”

A segunda variável tem a ver com a realização do sentimento como uma onda de emoção envolvendo uma manifestação paralinguística ou extralinguística (*variação de comportamento /onda comportamental*) ou como um estado mental (*disposição*). No primeiro caso, ela é realizada pelos *Processos Comportamentais* e, no segundo, pelos *Processos Mentais e Relacionais*, como nestes exemplos:

Segunda Categoria: O *Afeto* é comportamento ou estado mental?

Onda comportamental: “Me acabei de rir... rrsrs.”

Disposição: “Adorei a atividade!”

A terceira variável está relacionada à compreensão do sentimento como um ato dirigido ou de reação a algum agente externo específico, tipicamente consciente (*reação ao outro*), ou como um sentimento cuja causa é difícil de definir (*estado do eu*), como nestes exemplos:

Terceira Categoria: O *Afeto* tem agente específico ou inespecífico?

Reação ao outro: “A experiência com o primeiro foi excelente, desde a qualificação dos professores até o nível de exigência nas avaliações.”

Estado do eu: “(...) nenhuma outra palavra poderia descrever com mais propriedade o que eu senti. Foi uma coisa assim esquisita, fiquei totalmente desestimulado.”

A quarta variável tem a ver com a gradação do sentimento em uma escala de intensidade, como nos seguintes exemplos:

Quarta Categoria: O *Afeto* é graduado?

Baixa: “*Gosto de música, teatro e cinema.*”

Média: “*Adoro sair com meus amigos.*”

Alta: “*Sou apaixonada por linguística, pelos meus amigos e família, na ordem inversa em que estão citados.*”

A quinta variável tem a ver com o fato de o sentimento envolver intenção ou sentimentos (ao invés de reação) relacionados ao futuro, ou seja, a um estímulo ainda não realizado (*irealis*), como em “*gostaria de melhorar minhas aulas.*”, em oposição a um estímulo que já existe (*realis*).

Por fim, a sexta variável tem a ver como o agrupamento da emoção em categorias principais, relacionadas ao *Afeto realis*, como explica o quadro 3.1.

Quadro 3.1 – *Afeto realis* (baseado em Martin, 1997)

AFETO REALIS		
CATEGORIAS	ESCOPO DAS EMOÇÕES	EXEMPLOS
(a) in/segurança	bem estar eco-social (inquietação, surpresa/apreensão, autoconfiança e crédito).	“Estou <u>ansiosa</u> para começar o curso.” “ <u>Confio</u> no apoio dos colegas.”
(b) in/satisfação	Telos (propósito, objetivo ou finalidade), incluindo frustrações (aborrecimento, desprazer, engajamento / interesse, prazer / admiração).	“Estou <u>altamente motivado.</u> ” “ <u>Cliquei em Ok e não aconteceu nada!</u> ”
(c) in/felicidade	tristeza, antipatia, alegria e afeição e, <i>Afeto irealis</i>	“Fiquei <u>triste</u> com a notícia.” “Os alunos <u>adoravam!</u> ”
(d)des/inclinação	medo e ao desejo	“Fiquei <u>com medo</u> de deletar tudo.” “ <u>Gostaria</u> de usar o que aprendi em minhas turmas.”

Segundo explica White (2005), na construção do discurso, a função retórica de *Afeto* é indicar como o sujeito responde emocionalmente à pessoa, à coisa, ao acontecimento ou à situação que desencadeia a emoção. Essa resposta na qual o sujeito enunciador é a fonte da emoção pela qual a avaliação é comunicada chama-se *Afeto autoral* e indica que o mesmo assume responsabilidade pela avaliação, como no seguinte segmento, reproduzido *ipsi literis* dos dados: “(...) *ADOREI ver o resultado do meu esforço. Claro que ajustes são necessários, mas já estou achando o máximo. (...)*”.

Os valores de *Afeto* podem operar em alvos avaliativos múltiplos. O sujeito pode direcionar a sua avaliação, em forma de resposta emocional, para alguma entidade ou situação externa ou pode dirigir a avaliação a si mesmo através da demonstração de emoções que provavelmente serão vistas como apropriadas ou que evoquem simpatia. Esses dois processos podem estar interligados, pois o sujeito pode avaliar outrem enquanto, simultaneamente, se apresenta para avaliação através daquela emoção.

Nesse processo, a avaliação emocional reside inteiramente na subjetividade do enunciador, sendo, portanto, um modo de avaliação personalizado e individualizado pelo qual este coloca em primeiro plano a sua presença subjetiva no processo comunicativo. Através da revelação das respostas emocionais, ele busca estabelecer laços interpessoais com o interlocutor visto que, para a avaliação carregar um peso retórico, o interlocutor deve entender essa resposta personalizada como relevante, significante, válida, justificada ou pelo menos compreensível. Portanto, ao avaliar eventos em termos afetivos / emocionais, o sujeito convida a audiência a compartilhar essas respostas emocionais, ou ao menos entendê-la como apropriada, motivada ou compreensível. Quando esse convite é aceito, a solidariedade ou simpatia entre os falantes é intensificada. Com o estabelecimento da empatia, há a possibilidade de o interlocutor estar mais aberto para os aspectos ideológicos mais amplos relacionados ao posicionamento do falante. Quando o convite é recusado, quando o valor afetivo é visto como inapropriado, bizarro ou disfuncional, a solidariedade será provavelmente diminuída e a possibilidade de um acordo axiológico será menor.

Ainda segundo explica White (2005), há também casos em que *Afeto é não autoral*, ou seja, não são as emoções do autor que são descritas, mas as de outros indivíduos ou grupos. Como essas avaliações são apresentadas como exteriores são, de certo modo, uma avaliação atribuída. Neste caso, a responsabilidade autoral é transferida para a fonte externa. Em termos retóricos, *Afeto não autoral* endossa uma avaliação autoral e serve para legitimá-la, contribuindo para que o sujeito avance em seu posicionamento atitudinal, pois, ao estabelecer um posicionamento com relação a um grupo social por intermédio de valores de *Afeto*, positivo ou negativo, que o sujeito atribui aos representantes daquele grupo,

o sujeito os faz de modo a antecipar valores que serão aprovados por pelo menos alguns de seus interlocutores.

Para analisar como *Afeto* é realizado no discurso e poder tecer considerações sobre a estratégia avaliativa do sujeito, White (2005) sugere que (i) os valores sejam identificados e classificados de acordo com as categorias sugeridas em Martin (1997, 2000), apresentadas no início dessa seção, (ii) delimitemos quem é a fonte da emoção e se essa é *autoral* ou *não autoral* e (iii) a quem essa emoção é direcionada (*alvo*).

No caso da pesquisa apresentada nesta tese, o *Afeto autoral* é predominante, pois os participantes falam das suas próprias emoções, reações e sentimentos. Assim, uma análise das ocorrências de *Afeto* no discurso dos participantes em um curso *on-line* contribui para identificarmos como estes se sentem em relação ao curso, ao seu processo de aprendizado e aos colegas virtuais. Deste modo, os dados sobre *Afeto* possibilitam tecer considerações sobre como as emoções entram em cena na construção da *representação do eu* e como essas contribuem para o estabelecimento de um maior ou menor contato/solidariedade entre os participantes, criando uma atmosfera colaborativa e de suporte ao aprendizado.

3.3.2.

ATITUDE: Julgamento

Julgamento é “o campo de significados através dos quais construímos nossas posições com relação ao comportamento humano (ações, feitos, dizeres, crenças, motivações) através de referência à aceitabilidade e às normas sociais, avaliação do caráter de alguém, ou do quanto essa pessoa se aproxima das exigências e expectativas sociais” (White, 2004). Portanto, *Julgamento* se refere à institucionalização de sentimentos (Martin, 1997, p.23) que, de modo similar ao *Afeto*, podem ser positivos ou negativos, e está ligado a dois grandes grupos: *Sanção social* e *Estima social*.

Sanção social envolve conjuntos de regras morais e legais, codificadas de forma mais ou menos explícita pela cultura, e gera elogio e condenação referente à veracidade de alguém, ou seja, quão sincero este é, e a propriedade, ou seja, quão ético ele é, podendo ter implicações legais (Martin, 2000, p.156; White,

2004, p.187). Esse aspecto, contudo, não se aplica ao estudo ora desenvolvido nesta tese, e, portanto, não foi observado nos dados.

Estima social envolve admiração e crítica que pode elevar ou rebaixar o indivíduo na estima de sua comunidade, mas que, geralmente não resulta em implicações morais ou jurídicas. Essas avaliações se referem à *Normalidade*, ou seja, quão comum ou diferente o sujeito é, à *Capacidade*, ou seja, se ele é hábil e competente, e à *Tenacidade*, ou seja, quão determinado este é. No contexto desta tese, *Estima social* tem um papel crucial para o desenvolvimento do apoio mútuo entre os participantes, como veremos.

Para distinguir *Afeto* de *Julgamento*, podemos pensar que, enquanto o primeiro é explicitamente subjetivo, o segundo não é localizado explicitamente na consciência ou subjetividade de um participante humano específico, pois os valores de *Julgamento* são apresentados como qualidade do fenômeno avaliado ao invés de qualidades da pessoa que avalia (White, 2005). Portanto, o valor afetivo de *adorar* em “*Adorei as atividades!*” é uma qualidade atribuída a quem sente (*Eu*) enquanto que o valor de *Julgamento* de *adorável* em “*As atividades são adoráveis*” é uma qualidade atribuída ao elemento avaliado. Consequentemente, valores de *Julgamento* podem ser menos personalizadores, pois não requerem que o *avaliador* (*appraiser*) esteja representado no texto.

Outra diferença é que os valores de *Afeto* têm potencial para provocar *Julgamento* porque as respostas emocionais são geralmente vistas como boas ou más, apropriadas ou inapropriadas. Por exemplo, ao dizer em seu perfil “*Não tenho filhos, mas amo meus sobrinhos*”, a participante, por meio de sua asserção, provoca um *Julgamento positivo*, pois a cultura associa o julgamento moral com o posicionamento afetivo.

No contexto investigado nesta tese, os valores de *Julgamento*, especialmente os de *Estima social*, contribuem para a representação dos sujeitos no que tange a sua habilidade para realizar as tarefas e acompanhar o curso (*Julgamento: Capacidade*), bem como a sua perseverança perante as dificuldades que vão surgindo ao longo da aprendizagem (*Julgamento: Tenacidade*). Já pela identificação com outro (empatia), os comportamentos e sentimentos relatados vão sendo construídos dentro de uma avaliação de quão comum a situação vivenciada é (*Julgamento: Normalidade*).

3.3.3.

ATITUDE: Apreciação

Apreciação diz respeito à avaliação estética, positiva ou negativa, de objetos, artefatos, processos e estados das coisas, inclusive dos fenômenos naturais e semióticos, e examina os recursos para construir significados como, por exemplo, “sutileza” ou “beleza”, entre outros (Martin e White, 2005, p.36, White, 2005), e diz respeito a três domínios distintos: *Reação*, *Composição* e *Valorização*.

Reação indica como reagimos às coisas, ou seja, se elas chamam a nossa atenção (*Reação: impacto*) e se elas nos agradam (*Reação: qualidade*). Do ponto de vista gramatical, os valores de *Reação* estão ligados à afeição (*Emotiva: prendeu a minha atenção?* ou *Desiderativo: eu quero?*), sendo orientados para a *Metafunção Interpessoal*.

Já *Composição* indica como reagimos à estrutura e à forma, ou seja, se ela é bem elaborada e proporcional (*Composição: equilíbrio*) ou se é difícil de entender (*Composição: complexidade*). Os seus valores estão relacionados a percepção de ordenação e se alinham com a *Metafunção Textual*.

Por fim, *Valorização* indica o valor social de algo, isto é, se vale a pena, tendo seus valores ligados a cognição (nossas opiniões) no domínio da *Metafunção Ideacional* (Martin e White, 2005, p.57).

Da mesma forma que *Julgamento*, *Apreciação* também orienta a avaliação para o *avaliado* ao invés do *avaliador*, atribuindo às coisas o poder de gerar emoções (White, 2004). Como os valores de *Apreciação* são propriedades dos fenômenos avaliados e não de quem faz a avaliação, a resposta avaliativa subjetiva e individual do *avaliador* é transferida deste e representada como uma propriedade da entidade avaliada. Sendo menos pessoal do que *Afeto*, o envolvimento subjetivo fica implícito.

Como o ato de elogiar o outro indica sempre uma tentativa de estabelecer laços afetivos de algum modo (Martin e White, 2005, p.4), no contexto desta pesquisa, os valores de *Apreciação*, instanciados principalmente nos comentários sobre os trabalhos elaborados pelos participantes, são, acima de tudo, demonstrações de apoio mútuo e solidariedade. Isso porque é possível haver alinhamento entre *Afeto*, *Julgamento* e *Apreciação*. Segundo Martin (1997, p.26),

Julgamento: Capacidade se alinha com *Apreciação: Valorização* porque há uma relação entre avaliar o comportamento de alguém como eficiente e apreciar o texto/ processo originado desse comportamento. No meio acadêmico, é de senso comum essa tendência de associar o produto ao produtor. Ou seja, trabalhos avaliados positivamente pelo professor normalmente são gerados por alunos que recebem avaliações positivas de suas habilidades e vice versa.

De modo similar, *Apreciação: Reação* se alinha com *Engajamento (Modalidade Projeção, Mitigação)* e *Gradação: Intensidade*, o que indica o quanto estamos comprometidos a proposição e com o que sentimos.

No caso desta tese, observar as estratégias que os participantes usam para compartilhar as suas emoções e as suas avaliações, e sobre o que estas versam, nos ajuda a entender como há a construção da solidariedade. Isso porque os sentimentos tendem a aproximar as pessoas visto que esses trazem sempre um convite à empatia (Martin, 2000, p.173), além de possibilitarem o entendimento de quais aspectos da *presença social* são investidos de valores *Atitudinais*.

Para completar o estudo, devemos analisar alguns elementos no sistema *Engajamento*, o qual possibilita investigar “os modos pelos quais as práticas e valores do *eu* e dos outros são legitimados ou censurados na argumentação” (Don, 2007, p.367). Ressalto, porém que serão apresentados apenas alguns itens que julgo mais relevantes para o estudo da *presença social* como proposta nesta tese.

3.3.4 ENGAJAMENTO

Engajamento se refere ao sistema de opções semânticas disponíveis para negociar, ajustar ou neutralizar a argumentabilidade de proposições ou propostas, posicionando-as intersubjetivamente (White 2005, n.p.).

Em termos lexicogramaticais, os recursos incluem projeção e estruturas de atribuição/discurso indireto; verbos e adjuntos modais; negação; conjunções e conectivos de expectativa e contra-expectativa.

Para White (2005, n.p), a escolha fundamental no sistema é entre a monoglossia (opções que ignoram ou diminuem a possibilidade de diversidade heteroglóssica) e heteroglossia (que invocam, reconhecem, respondem, antecipam, revisam ou desafiam enunciados alternativos e, assim, posições sociais). Em seu

modo mais básico, *Engajamento* é trazido à baila quando o enunciador escolhe citar ou fazer referência às palavras ou pensamento de outros. *Engajamento* se dá, portanto, por *atribuição* e indica que o enunciador avalia tal material como relevante para o seu discurso. Por conseguinte, a ele faz referência (i) por *endosso*, indicando apoio ou concordância com o que foi dito, ou (ii) por *distanciamento*, indicando que o enunciador não assume a responsabilidade pela confiabilidade do enunciado (White, 2005, n.p). Em termos retóricos, *endossar* fortalece os pontos de vista do enunciador, ou das vozes atribuídas a outros por este, e possibilita a proposição ser questionada ou desafiada sem confrontar diretamente o autor (Coffin e Hewings, 2005, p.38-40).

Outro conceito ligado a *atribuição* é a natureza da fonte a qual o material é atribuído. O sistema abriga as seguintes categorias: (i) *personalização* (humano ou não humano); (ii) *identificação* (nomeado, não-nomeado), (iii) *especificação* (específico ou genérico) (iv) *agrupamento* (indivíduo ou coletividade) e (v) *status* (poder e autoridade alto ou baixo).

Portanto, uma forma de rastrear a *presença social* é verificar se há referências a postagens de outros colegas e identificar a natureza dessa referenciação. Isso porque “a fonte empregada pelo falante tem um impacto tanto na *persona* textual que o falante constrói para si como na forma com que ele posiciona seus enunciados com respeito a respostas prováveis dos respondentes” (White, 2005, n.p).

Outro elemento que pode ser observado é *Modalidade* (nível de certeza, usualidade, probabilidade, etc. investido na proposição). O enunciador, ao fazer uso desse recurso, está ciente de que a sua proposição pode ser contestada ou desafia pelo interlocutor (Droga e Humphrey, 2002, p.95). Assim, conforme identificado no *corpus*, especialmente nas mensagens em que alunos oferecem assistência, esse recurso é empregado para indicar que o sujeito está aberto a negociação e que não está impondo uma solução, ou sendo categórico acerca da utilidade do seu apoio. Em exemplo é o seguinte segmento “*Não sei se isso pode ajudar ou mesmo se se aplica aqui. Nesses assuntos sou assim meio como Zeca Pagodinho. Não comi caviar mas já ouvi falar. (...)*”. Esse tipo de posicionamento auxilia na construção da representação do sujeito como um colega interessado em ajudar e não como um “sabichão”, por exemplo.

Tendo apresentado um breve panorama da LSF e discorrido sobre uma seleção dos conceitos da *Teoria da Valoração* que norteiam a realização desta tese, o capítulo 4 trata de apresentar a visão de gênero no qual este estudo está pautado.